

## O outro lado da moeda: reflexões para um aprendizado mais inclusivo na perspectiva da relação entre a música e a pessoa com deficiência visual.

*Renato Brandão*

Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
*renatobrandao76@hotmail.com*

### Comunicação

**Resumo:** O presente artigo versa sobre as condições estabelecidas na emancipação de professores de música com deficiência, mais especificamente, a visual. Parte de uma reflexão sobre o caminho percorrido pelas ideias geradas pelos erros e acertos do passado e das documentações afirmativas para a melhoria da qualidade e acesso do ensino para essa camada social. Teremos a situação de deficiência sendo debatida por relatos de alunos e observação de grupo focal em associação de deficientes visuais e curso de licenciatura em música. Neste caso, o estudo não se preocupa em estabelecer conceitos sobre a cegueira ou baixa visão, ao contrário, comenta as questões reveladas quando o professor é a pessoa assistida por um tratamento especializado dentro de sua individualidade. Por fim, apontamos a importância das boas relações de convivência e do uso de recursos adaptados pelos alunos de música no enfrentamento do desafio inicial de serem conduzidos por um educador com deficiência visual.

**Palavras chave:** Processos Criativos Deficiência Visual; Educação Inclusiva

### Caminhos percorridos da educação especial ao educar na perspectiva de cada diversidade

Após o surgimento de novas mentalidades ocupadas a dar mais voz ou mesmo sentido à educação de pessoas com deficiência no final do século XVI, passamos a concorrer entre erros e acertos nos mais variados aspectos, para o sucesso de uma inclusão social de pessoas em situação de deficiência. Como podemos perceber, hoje, diante de tantos avanços nesse sentido, ainda há muito a se preocupar. Por outro lado, iniciamos uma coleção de nomes, mesmo ocultos em seus universos, de pessoas com deficiência que ultrapassaram as barreiras mais óbvias e atualmente ocupam o outro lado da moeda, não são mais os educandos e sim os educadores desse novo tempo e ritmo de vida.

Ao se tentar a sorte, por algumas vezes usamos uma moeda, a esta é conferida a tarefa de girar no ar e quando caída, revela a face de seu vencedor. A rotina de pesquisas nessa área

nos permite verificar que a moeda quase sempre cai em favor do lado oposto das pessoas com deficiência. Isso ocorre por conta do enorme desafio que é uma reformulação da qualidade da aceitação social e pela ordem dos avanços nesse sentido. Ao contrário disso, também podemos entender que quando esta moeda é lançada, sempre há a possibilidade de 50% de chances de dar certo. Deste modo, usar aqui a tal metáfora, nos favorece a desenvolver um pouco mais a temática deste estudo.

A Declaração de Salamanca em 1994, que dispõe sobre uma educação para todos em todo o planeta, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, que delibera em seu Capítulo V sobre as normativas de ensino para pessoas com deficiência e o Decreto de Lei nº 7.611 de 2011, conhecido como documento do Atendimento Educacional Especializado(AEE) e outras manifestações legais, foram papéis importantes para o desenvolvimento de políticas públicas favoráveis ao aprimoramento educacional para ambientes de ensino mais inclusivos.

Ainda vivemos dentro de determinados paradigmas que nos conduzem a reverenciar resultados. A inovação faz mais parte do novo contexto comportamental que as elaboradas fôrmas do passado. Não precisamos desmerecer o que já há escrito e debatido. A educação especial vive a necessidade do reinventado e necessita que nós possamos promover tais surpresas dentro do realmente interessa, o processo.(Cuervo & Pedrini, 2010 )

Diante do citado, muitos alunos ao longo de todos os anos de publicação das importantes documentações vêm recebendo, por meio de planejamentos dedicados, uma atenção diferenciada e prevista como condição para uma educação mais cidadã. A reformulação de currículos pedagógicos dentro de cursos de licenciatura é um forte exemplo dessa transformação. Porém, tais processos socioculturais já se iniciaram, esses aluno de ontem, hoje, com todo acesso e AEE dedicado, já ocupam seus lugares de direto pela qualidade de suas formações. Sendo assim, é útil refletir sobre com qual empenho a sociedade deve guardar um profissional, não mais aluno, com deficiência, neste caso dentro dos engenhos educativos e sendo mais específico, em nossas classes de ensino musical.

Manaus possui associações voltadas ao atendimento social de deficientes visuais. Em pesquisa desenvolvida em um destes centros, podemos constatar que a atividade musical em

suas mais variadas ramificações, é uma constante, se aplica a maioria dos participantes e de certo modo, é notória a qualidade do interesse de todos pela arte em questão. O aprofundamento deste tipo de investigação avalia o quanto há de envolvimento por parte dessa parcela social e como não devemos perder as oportunidades, enquanto educadores, de promover talentos por não termos os recursos e procedimentos pedagógicos apropriados para tal objetivo.

### **O outro lado da moeda: agora o aluno com deficiência é o professor**

Não existem regras fixas para o trabalho educativo com pessoas com deficiência dentro das classes de música. Isso se deve a infinidade de particularidades que se aplicam no decorrer de cada encontro, aluno e professor. Nestes casos, o professor, dentro de suas potencialidades, inicia adaptações específicas para o acesso pedagógico de cada aluno em situação de deficiência. Sejam partituras ampliadas para pessoas com baixa visão ou mesmo placas comunicativas nas condições de uma paralisia cerebral, por exemplo.

Mesquita(2016) comenta que nota a evolução das carreiras de deficientes visuais ao longo dos últimos anos. “Hoje, se formos contar quantos colegas deficientes tem graduação não cabe nos dedos das mãos. Meu pai era um que não acreditava no meu desenvolvimento. Hoje, ele é amparado pela minha família e vive comigo também”. Neste relato podemos verificar que os avanços em relação á formação dessa camada social são bem percebidos. Tornar a educação possível para todos é sinônimo de liberdade.

O educar de forma especializada, além de todo o contexto solidário, é um enorme desafio. A quantidade de professores que se assumem incapazes de embarcar nessa jornada ainda é maior que os já embarcados. Dentro de uma lógica, há tarefas mais fáceis que outras quando ensinamos música a um deficiente visual em relação a um surdo, ou seja, com conteúdos iguais, as metodologias são diferentes pela condição humana de cada aluno e os níveis de dificuldade acompanham também, cada situação apresentada. Sobretudo, a gênese da missão é musicalizar.

De acordo com Cuervo & Pedrini(2010), vivemos uma necessidade por resultados. Escolas contratam professores de música para que tenham suas promoções garantidas. Se isso se soma a incluir pessoas com deficiência, tudo se amplifica e colabora para uma falsa difusão da realidade e expectativa da verdadeira ação inclusiva. A música executada por deficientes visuais deve ser a mesma que todos executam. Não podemos transferir nossas “pequenas” ações para as desculpas residentes na inclusão de alunos com pouca visão ou outro aspecto impeditivo.

O professor de música inserido na rotina educativa de um aluno com deficiência se torna a maior autoridade naquela situação. Talvez, livros e relatos colaborem pouco em suas ações de inclusão por conta da individualidade oferecida pelo aluno assistido. Isso deve ser considerado normal e previsto nas turmas de formação dos novos educadores. Além do mais, professores do AEE em música deve se reconhecer como parte fundamental do processo e antecipar suas ações como finitas, ou seja, são educadores de momento, curtos ou longos, mas estão ali por momentos e devem valorizar seu tempo na busca dos melhores resultados à tempo de quem os recebe.

Quando o outro lado da moeda se revela, todos esses princípios se dissolvem. Agora é o professor que possui uma situação específica de necessidade de tratamento. Enquanto outrora havia a necessidade de adaptações personalizadas para cada aluno, neste momento, são os alunos que devem assumir os cuidados de acesso para o professor em questão. Além de todo o conteúdo aplicado, professor com deficiência se dedica a convencionar com os alunos o seu acesso às respostas dos exercícios, composição de atividades, organização das classes entre outros. Em outras palavras, professores de música com deficiência sempre ensinam algo a mais e passam a valorizar o aspecto das necessidades sociais para um mundo melhor quando estão em contato com seus pequenos.

Já sabemos que nossos alunos, muito antes de nossas avaliações formais, são primeiros a traçar suas provas. Professores são observados imediatamente quando no primeiro contato em classe. Nós, professores de música, ainda a cada tempo, vamos observando, analisando, planejando e ao fim avaliando nosso aluno. Por esse motivo, alunos de professores com

deficiência são avaliadores profundos e diretos, assumem quase sempre perfis de uma ingênua crueldade, proferem perguntas que comumente poucos teriam coragem em fazer. Por outro lado, essas ações supostamente cruéis, esgotam por completo as questões impeditivas de um bom relacionamento. Professores nessa situação, dentro de suas experiências de vida e tempo com a deficiência, devem colaborar compreendendo na medida dos limites de um bom senso, a dar vazão as inquietações comuns de seus alunos.

De acordo com os níveis educacionais, as relações interpessoais assumem outras configurações. Lecionar música para pequenos é diferente que lecionar música para adultos. Porém, são todos alunos, vivos em suas questões e desejos, ainda quando tem o interesse pela arte como já nos habituamos a encontrar pessoas realmente inclinadas á música. Mesmo com todo o acesso momentâneo e explosivo de performances apresentadas nas redes sociais, o professor de música não perde seu valor em classe. Ainda é ele o mediador do processo. Neste sentido, as condições impeditivas do educador não se apresentam como barreiras, a arte é capaz de neutralizar a personalidade com deficiência e apresentar a outra, eficiente.

## **Deficiência visual e a música: processos educacionais pela face oculta da moeda**

Em um rápido convite à reflexão feito por Raniero & Joly(2012), somos capazes de compreender que antes de vermos o mundo, ainda na barriga de nossas mães, somos muito mais auditivos. Por todo o período da gestação, nossos ouvidos, já representando um desenvolvimento claro, nos dão condições de reconhecer os sons orgânicos do funcionamento do corpo materno. Ao longo da vida fora do útero vamos nos encarregando de perder essa condição perceptiva.

De início, é válido comentar que existem inúmeros mitos relacionados a deficiência visual e a prática musical desenvolvida por pessoas cegas ou com baixa visão. Para Sá ET AL, (2008), os sentidos remanescentes da visão em um organismo humano são mais solicitados que o normal em indivíduos videntes. Pessoas cegas não necessariamente são músicos por natureza. Em parte, a música é dentre as demais formas artísticas, a mais verossímil dentro desse universo.

É lícito comentar que todo o envolvimento educacional especializado carrega consigo fortes parcelas de envolvimento pessoal. Algo que parece ser muito comum entre educadores de música como o toque em seus alunos, neste caso essa ação se amplifica nas tomadas de posição com professores cegos. Para Raniero & Joly(2012), não podemos deixar de assumir o valor que se aplica quando há calor humano envolvido na nossa rotina. A condição de deficiência nos conduz ao tocar pela vontade de perceber e sendo assim, valiosos momentos são construídos pela proximidade casual do processo em classe.

A mesma quantidade de classificação dos recursos didáticos adaptados para alunos com deficiência visual habitualmente conhecidos, também serão aplicados ao professor em mesma condição de dificuldades visuais. Divididos entre ópticos e não-ópticos, esse recursos conduzem o professor a ter acesso às respostas das atividades dos alunos, e os alunos, por sua vez, aprendem a manipular e utilizar tais recursos ao modo e controle de seu próprio professor. Uma trajetória muito utilizada atualmente é a comunicação obtida por dispositivos móveis como celulares e *tablets*, equipamentos dotados de itens de acessibilidade que em si promovem ampliação de partituras, audição e gravação de performances, leitura de textos e outras mais agilidades de produtividade.

Em resposta ao convívio com um professor com baixa visão Lima(2016), diz que após ter tido o contato com um professor deficiente visual, suas perspectivas de vida e observações da rotina urbana se modificaram, tudo passa a ter um outro sentido. Ainda a aluna, “percebo que o professor estudou muito e nada de sua condição como deficiente visual afeta a minha confiança na sua capacidade de ensinar e tocar”

Para Oliveira<sup>1</sup>(2016), as condições de ensino de seu professor com baixa visão sempre foram uma questão de observação mais apurada. Saber dos percursos artísticos de seu mestre, favoreceu a ideia de não persistir no foco de vê-lo como uma pessoa com deficiência, mais sim na qualidade da pessoa que é e no músico que se dedica a ser. Como vemos, a titulação do professor com deficiência soma positivamente na qualidade de sua aceitação em classe e uso de sua autoridade profissional.

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação em música do sexo masculino; violonista do 7<sup>a</sup> período

Lima<sup>2</sup>(2016), aponta que a paciência é uma virtude a ser cultivada nos ambientes de estudo após o reconhecimento de determinadas condições de acesso e vida. Além disso, Oliveira<sup>3</sup>(2016), aprender com professor com deficiência visual a prepara para a vida acadêmica e como futura professora de música. As possibilidades de integração entre professores e alunos de música se amplificam quando existem compromissos de ambas as partes.

A deficiência visual e a música, longe de qualquer regra, estão interligadas por motivos óbvios. Podemos apontar alguns nomes como Ray Charles(1930-2004), Andrea Boccelli, David Assayag, Louis Braille(1809-1852) e outros, músicos cegos que evidenciam seus talentos e se dispõem como artistas antes de suas situações impeditivas como deficientes. Considerar tais aspectos colaboram para uma identidade mais aproximada de nossa aceitação e recepção das diferenças dentro da sociedade. Alunos entrevistados apontam que à medida que há um aumento das horas de convivência com seu professor com baixa visão, as condições de compreensão melhoram e ultrapassam qualquer fator que bloqueie o aprendizado.

O estado do Amazonas possui uma associação dedicada aos interesses de pessoas com deficiência visual. Mesquita(2016) afirma que o número de deficientes visuais envolvidos com qualquer atividade musical é grande. Além de músicos, assumem funções comunicativas em jornalismo, radicalismo e produtores de artigos depositados na *internet*.

## Para concluir

Observar a trajetória das ideias que colaboram para o desenvolvimento social de pessoas com deficiência no mundo, mesmo que tenhamos a dimensão de nosso país inicialmente, nos faz entender que há passos dados para frente. Não seria justo considerar que todos os esforços até então não somaram em algo positivo no sentido de ações mais avançadas para a questão da inclusão em nossos caminhos. Tanto a pessoa com deficiência quanto as demais, precisam de auxílio nas tarefas cruciais de convivência. Uma sociedade mais educada

---

<sup>2</sup> Aluna de licenciatura em música; Violonista cursando o 5<sup>a</sup> período

<sup>3</sup> Aluna do curso de licenciatura em música; violonista cursando o 7<sup>a</sup> período

concorre com muito mais facilidade a formação de recursos que atenuem a necessidade de inclusão das pessoas por suas diversidades.

Podemos perceber ainda que além da figura do professor com deficiência que assume e atrai a atenção dos alunos, as atividades moldadas em classe que sugerem maior cuidado e atenção por parte dos estudantes, automaticamente lhe promovem o aprendizado paralelo e sugerem uma maior reflexão sobre o que de fato é o conceito de deficiência. Caminhamos sempre em busca das melhores práticas musicais. Quando tocamos, o momento e espaço se transformam, não se colocam em questão a condição do interprete, mas, sim como tudo soa bonito e claro. A arte desse modo, se apresenta antes de qualquer condição física, social ou econômica. Ela integra e inclui gratuitamente e se tivermos condições de conduzir o processo, nosso trabalho como educadores ganha um outro valor além dos demais já discutidos por muitos até hoje.

Este estudo é parte de uma reflexão maior que investiga as dimensões em expansão da pessoa com deficiência em relação aos padrões estabelecidos por cada unidade social. O valor de cada ação nasce relativo a condição específica de quem a necessita. Em outras palavras, longe da deficiência visual ser uma condenação ao infinito da escuridão como muitos acreditam ser, respeitando a posição dos que a comportam, podemos concluir que há caminhos diversos e pouco explorados que facilitam as adaptações. Sendo bem verdadeiro, constatamos que as superações não acontecem, o que existe é uma qualidade muito grande da condição adaptativa. Ninguém deseja ser deficiente.

Por fim, a tradução do que vimos aqui esta interligada com o mais óbvio resultado, ser capaz de pensar. A cognição mental em relação à música em conjunto com as fantásticas atribuições dadas ao cérebro, se refletem no empenho de ter que viver e conviver com cada realidade afirmada. Se um dia pensamos em dar condições de estudo e um lugar na sociedade para todos, podemos concluir que a hora é essa, o tempo não parou e mesmo tendo uma quantidade e personalidade para cada vida, um dia nos encontramos juntos e temos que estar preparados para os novos enfrentamentos e variações da normalidade.

## Referências

- CUERVO, Luciana; PEDRINI, Luciana. *Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música*. Revs. Música na Educação Básica. Vol. 2. 2010. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_musica/ed2/pdfs/MEB2\\_artigo4.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/MEB2_artigo4.pdf)> Acesso em: 16 de maio de 2016 às 12:30
- LIMA, Paula Mota. Entrevista cedida em 16 de junho de 2016. Manaus. Aparelho celular. Amazonas Shopping.
- MESQUITA, Everaldo. Entrevista cedida ao autor em 22 de junho de 2016. Manaus. Aparelho celular. Núcleo de Acessibilidade EUAPOIO.
- OLIVEIRA, Erica Priscila Castro de. Entrevista cedida ao autor em 16 de junho de 2016. Manaus. Aparelho celular. Amazonas Shopping.
- OLIVEIRA, Wesley Peres Souza de. Entrevista cedida ao autor em 16 de junho de 2016. Manaus. Aparelho celular. Amazonas Shopping
- RANIRO, Juliane; JOLY, Ilza Zencker Leme. *Compartilhando um ambiente musical e afetivo com bebês*. Revs. Música na Educação Básica. Vol. 4. 2012. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4\\_compartilhando.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4_compartilhando.pdf)> Acesso em 16 de maio de 2016 às 13:12
- SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myrian Beatriz Campolina. *AEE Deficiência Visual*. MEC/SECADI. Brasília. 2008